

## ANÁLISE DA IMPORTÂNCIA DE UMA CIDADE SE TORNAR RESILIENTE NA ATUALIDADE

LARISSA ALDRIGHI DA SILVA<sup>1</sup>; DIOVANA DA SILVA GUTERRES<sup>2</sup>; MAIARA MORAES COSTA<sup>3</sup>; PRISCILA PEDRA GARCIA<sup>4</sup>; LARISSA MEDIANEIRA BOLZAN<sup>5</sup>; DIULIANA LEANDRO<sup>6</sup>.

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – *larissa.aldrighi@gmail.com*

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – *guterresdiovana@gmail.com*

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – *maiaraengambientalesanitaria@gmail.com*

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – *priscilapedragarcia@gmail.com*

<sup>5</sup>Universidade Federal de Pelotas – *larissambolzan@gmail.com*

<sup>6</sup>Universidade Federal de Pelotas – *diuliana.leandro@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

O conceito de resiliência é bastante complexo, engloba os mais diversos meios e objetivos. No entanto, o que menos recebe enfoque é um dos principais, trata-se do local onde a sociedade está inserida. Isso pois, o termo resiliência está ligado a capacidade de adaptabilidade aos desastres naturais (MENDES, 2018).

O termo resiliência que anteriormente era associado apenas ao risco, atualmente se faz mais presente na mídia e no vocabulário devido sua utilização pelos órgãos de Proteção e Defesa Civil em boa parte do mundo. Por isso, devido sua variabilidade é importante ter entendimento amplo de mais algumas terminologias importantes, como a de risco e desastres, para enfim, entender concluir com mais clareza a questão de resiliência (NASCIMENTO; ARAÚJO, 2021).

Sendo assim, o termo risco pode ser aplicado aos mais diversos ramos, no qual, aqui será abordado o conceito voltado para a questão ambiental e vulnerabilidade ambiental, de modo que é compreendido como a exposição da população em algum tipo de perigo, as quais as pessoas possuem uma limitação quanto a controlar o acontecimento (PEREIRA et al., 2020; PNUD, 2007).

Por vez, pela compreensão percebido a usos acerca de desastres naturais é possível compreender que os desastres são eventos inesperados e repentinos, que podem ocorrer em várias escalas e em vários tipos de manifestações dependendo das características locais, como por exemplo, inundações, secas e ciclones (KOBAYAMA et al., 2006; LEANDRO et al., 2021). Santos (2015) apresenta ainda que esses eventos que já apresentam suas características e seus fortes danos, são ainda mais críticos no Brasil em áreas habitadas por população em situação de vulnerabilidade social.

Então, como base nessas informações que se nota a necessidade e importância das cidades se tornarem resilientes. E para entender o que torna a cidade resiliente, se faz necessário entender o conceito apresentado para resiliência, ao menos um deles, sendo assim, de forma direta a mesma consiste na capacidade da sociedade e/ou o indivíduo em lidar e adaptar-se com os impactos e suas consequências diante de um evento adverso sobre sua estabilidade (MENDES, 2018). Tornando-se mais capaz de diante do sistema social em se organizar para aumentar a capacidade de aprendizado com os eventos passado, afim de melhorar as medidas de redução de risco (Brasil, 2010, apud Nascimento e Araújo, 2021).

Desse modo, o trabalho apresenta como objetivo principal demonstrar a importância de um município ser resiliente, construindo metodologicamente essa questão de resiliência, bem como, a sua importância para melhorar a qualidade de

vida de uma cidade e sua população, e não apenas no sentido de preparação, como também no aproveitamento do que a região pode fornecer.

## 2. METODOLOGIA

O conceito de resiliência e sua importância para os municípios, especialmente em situação de vulnerabilidade são extremamente vagos, por isso, a pesquisa consistiu em consulta as mais diversas plataformas de dados, como a Plataforma de Periódicos CAPES, indexadores e google acadêmico, para fomentar e construir a importância que a resiliência carrega e o que muda em uma região resiliente.

Para que isso fosse possível, foram pesquisadas nessas bases de dados as seguintes palavras-chaves: resiliência, resiliência urbana, resiliência ambiental, risco, desastres naturais e vulnerabilidade social. Além da busca por essas palavras chaves, foi estabelecido o período específico de publicação partindo de 2018 até o momento de 2022.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise dos estudos encontrados, foi possível compreender que uma cidade é considerada resiliente quando a cidade consegue agir e prestar serviços perante uma situação de estresse, podendo tudo voltar a ser como era antes do ocorrido. Esse estresse pode ser caracterizado como não capacidade de suporte em relação ao seu crescimento, gerando falhas e/ou não atendimento os serviços básicos de saneamento e saúde; inexistência de planejamento e gestão da região; falta de políticas públicas de apoio (Revista de Agricultura Urbana, 2009).

Para que uma cidade se torne resiliente, a UNDRR (Oficina de Naciones Unidas para la Reducción del Riesgo de Desastres) criou um documento com 10 aspectos que se tornam necessário, esses são classificados em 3 grupos, o de aspectos básicos, de aspectos operativos e os aspectos para uma melhor reconstrução. Esses aspectos estão melhor descritos na Tabela 1.

Tabela 1. Apresentação dos aspectos para tornar uma cidade resiliente.

<b>Aspectos básicos</b>
1. Organização para resiliência a desastre.
2. Identificar, compreender e utilizar os cenários de risco atuais e os futuros.
3. Fortalecer a capacidade financeira para melhorar a resiliência.
<b>Aspectos operativos</b>
4. Promover o design e o desenvolvimento urbano resiliente.
5. Proteger as zonas naturais de amortecimento para melhorar a função de proteção proporcionada pelos ecossistemas naturais.
6. Fortalecer a capacidade institucional para melhorar a resiliência.
7. Compreender e fortalecer a capacidade da sociedade para melhorar a resiliência.
8. Aumentar a resiliência da infraestrutura.
<b>Aspectos para uma melhor reconstrução</b>
9. Assegurar a efetividade da preparação e da resposta aos desastres.
10. Acelerar a recuperação e uma melhor reconstrução.

Fonte: Adaptado de UNDRR. s.d.

Partindo dessa lista, fica mais claro que a resiliência é uma parte do todo que engloba sociedade e meio ambiente e que uma vez que a cidade seja resiliente

vai existir um crescimento nos processos de tomada de decisão, favorecendo as questões ambientais e o crescimento urbano; deixando o ambiente menos exposto ao risco, e se exposto com capacidade rápida de respostas (SILVA, 2018).

É importante também entender que um município ser resiliente, não está voltado somente para a questão do desastre, mas também na questão de melhorar a qualidade de vida e aproveitando mais suas particularidades (SACCARO JUNIOR; COELHO FILHO; 2016).

#### 4. CONCLUSÕES

Após análise dos estudos encontrados é possível concluir que resiliência, na academia, é considerada tudo aquilo que pode ser feito para auxiliar a cidade, com base na sua estrutura e população, afim de perante qualquer dificuldade a mesma consigo retornar para a sua forma principal sem danos extremos.

Essa adesão de tornar uma cidade resiliente é de extrema importância por facilitar a gestão local e garantir a tranquilidade dos mais vulneráveis. Além de ser uma ferramenta capaz de auxiliar a elaboração de novas políticas públicas e que podem ser trabalhadas em parceria das geotecnologias para fim de informações com maior exatidão e clareza.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KOBIYAMA, M.; MENDONÇA, M.; MORENO, D.A.; MARCELINO, I.P.V.O.M.; MARCELINO, E.V.; GONÇALVES, E.F.; BRAZETTI, L.L.P.; GOERL, R.F.; MOLLERI, G.S.F.; RUDORFF, F.M. **Prevenção de desastres naturais: conceitos básicos**. Curitiba: Organic Trading, 2006. Disponível em: [http://www.labhidro.ufsc.br/Artigos/Livro%20\(Prevencao%20de%20Desastres%20Naturais\).pdf](http://www.labhidro.ufsc.br/Artigos/Livro%20(Prevencao%20de%20Desastres%20Naturais).pdf). Acesso em: 10 jul. 2022.

LEANDRO; D. QUADRO; M.S.; VIEIRA; D.S.; SILVA; L.A.; MARQUES; L.C.; ZIRBES; E.R.; ARAUJO; M.M.F.; PONZI; G; CALDAS; L.B.; DUARTE; V.D.; CASTRO; A.S. **DESASTRES NATURAIS EM ARAMBARÉ-RS** Pelotas – RS. Laboratório de Geoprocessamento aplicado a Estudos Ambientais – LGEA. 1ed. Coleção diagnósticos dos desastres naturais na metade Sul do Rio Grande do Sul. 2021.

MENDES, J.M. Risco, vulnerabilidade social e resiliência: conceitos e desafios. *Revista Gestão & Sustentabilidade Ambiental*, 2018, 7: 463-492.

NASCIMENTO, A.S.; ARAÚJO, C.M. Narrativas sobre riscos naturais e resiliência na construção da agenda urbana global neoliberal. Artigos Complementares. **Cad. Metrópole**. v.23. n.52. pp. 1135-1164. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/2236-9996.2021-5213>

Oficina de Naciones Unidas para la Reducción del Riesgo de Desastres. **UNDRR**. Diez aspectos esenciales para lograr Ciudades Resilientes. S.d. Disponível em: <https://www.eird.org/camp-10-11/docs/lista-10-puntos-verificacion.pdf>. Acesso: 12 jun. 2022.

PEREIRA, Gabriela Iamara Lupianhe; MANSANO, Sonia Regina Vargas. Sustentabilidade afetiva em situações de vulnerabilidade socioambiental: um problema para as cidades. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 2020, 15.1: 1-17.

PNUD. Relatório do Desenvolvimento Humano 2007/2008 – Combater as mudanças climáticas: solidariedade humana em um mundo dividido. p.78. 2007. problema para as cidades. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 1, n.15, p. 1-17, 2020.

Revista de Agricultura Urbana no. 22 – Julho de 2009. Construindo cidades resilientes. Disponível em:<[https://www.agriculturaurbana.org.br/RAU/RAU\\_22/rau22\\_completo.pdf](https://www.agriculturaurbana.org.br/RAU/RAU_22/rau22_completo.pdf)>

SACCARO JUNIOR, N.L.; COELHO FILHO, O. Cidades Resilientes e o Ambiente Natural: Ecologia urbana, adaptação e gestão de riscos. 2016. Disponível em:<<http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9183/1/Cidades%20resilientes.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2022.

SANTOS, J. O. Relações entre fragilidade ambiental e vulnerabilidade social na susceptibilidade aos riscos. **Revista Mercator**, Fortaleza, v. 14, n. 2, p. 75-90, 2015.

SILVA, L.; TRAVASSOS, L. Problemas ambientais urbanos: desafios para a elaboração de políticas públicas integradas. **Cadernos MetrÓpole** 19, 1º sem, pag. 27 - 47, 2008.